

S&S, Ferrnand Cabrita, Demétrio Magnoli (quicenal), Miguel de Almeida (quicenal), Inap, Santana (quicenal), Washington Cluettio (quicenal)
 TER, Vernal Pereira, Carlos Andrezza, QUA, Vera Magalhães, Elcio Gaspari, Bernardo Velloso Franco, Roberto Calvillo (quicenal), QUL, Vernal Pereira, Vito Gaspar
 SER, Vera Magalhães, Fátima Oliveira, Pedro Costa, Benarrie Mello Franco, S&S, Carlos Alberto Sautenberg, Eduardo Alfaro, Pablo Cluettio, DOM, Vernal Pereira, David Harazin, Benarrie Mello Franco

FLÁVIA
OLIVEIRA

Inventário incompleto

Tudo reverte à ditadura na semana da efêmera nefasta dos 60 anos do golpe militar que depois o então presidente João Goulart. Quase dois meses depois de fugirem da unidade federal, até então, de segurança máxima, Deibson Cabral Nascimento e Rogério da Silva Mendonça foram presos ontem por lá. No BR-222, em Maracá, a 400 quilômetros de Manaus (RN), de onde escaparam em pleno carnaval. A demora na captura e a distância percorrida não deixam dúvida de que os dois criminosos receberam ajuda da facção que integram, o Comando Vermelho. A organização nasceu nos anos 1970 nos porões do regime militar e se tornou uma das maiores organizações criminosas do Brasil. Seus políticos no extinto presidio da Ilha Grande, em Angra dos Reis (RJ).

Foi impossível não revisitar as décadas de arbítrio por esses dias. Na terça-feira, a Comissão de Anistia, ligada ao Ministério dos Direitos Humanos, pediu perdão aos indígenas crenaque (MG) e guarani-caiçua (MS) pelas atrocidades cometidas pelo Estado. A presidente Eneida Stutz e Almeida se ajoelhou diante da matriarca Djanira Krenak e do cacique Tito Vilhavalva, ancião da etnia guarani-caiçua. A Comissão Nacional da Verdade, encerrada em 2014, contabilizou 8.350 indígenas mortos ou desaparecidos durante o regime.

nos duzentos e oitenta e sete, a mesma Comissão reconheceu como anistia política Lázaro Herzog, viúva de Vladimir Herzog, torturado e assassinado nas dependências do DOI-COD (SP), em outubro de 1975. O Conselho Nacional dos Direitos Humanos, também vinculado ao MDH, anunciou a anistia para o caso de Lázaro Herzog, deputado federal sequestrado, torturado e morto em 1971, cujo corpo jamais foi encontrado. São dois casos emblemáticos, que escancararam a brutalidade do governo dos militares, sobretudo, a parcelas da classe média e de uma elite intelectual pelo nome. Mas também a pobreza, a desigualdade, a inflação. Lembramos para que o arbitrio, ainda à espreita, não retorne.

As digitais do período de trevas ainda estão em segmentos da população relegados nas primeiras safras de pesquisa e produção acadêmica. Quase 2 mil camponeses perderam a vida durante o regime; movimento negro e sindicatos de trabalhadores foram perseguidos; artistas, censurados. Com a aval do regime, a violência explodiu no campo e nas cidades pelas mãos de jagunços, grupos de extermínio e agentes do Estado. Em novembro passado, a Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro (Faferj) e a Defensoria Pública da União ingressaram com pedido na Comissão de Anistia de reconhecimento

mento e reparação. O cotidiano de invasão, repressão, remoção e violência, ainda hoje presente nas relações do poder público com as comunidades populares e periferias, não é fruto de combustão espontânea. Tem História. E a ditadura nasce por ela.

Quando a captura dos fugitivos de Mossoró ganhou o noticiário, ontem à tarde, ficou evidente quão longe foi a facção gestada num presidio da Costa Verde fluminense. O CV, de grupo armado do tráfico de drogas, tornou-se organização criminoso gigante e complexa, ramificada em estados do Nordeste e do Norte e com conexões no exterior.

Mas não dá para esquecer que eles fugiram, sem dificuldade, de um presidio federal. Viajaram seis dias num barco. Saíram do Rio Grande do Norte e passaram por três estados (Ceará, Piauí e Maranhão) até chegar ao Pará. Receberam da facção dinheiro, fuzil, oito telefones celulares, escolta de quatro comparsas em três automóveis. Não

saiu barato. O MJ informou que Rogério e Deibson pretendiam fugir para o exterior, sem mais detalhes. O governador do Pará, Helder Barbalho, disse a jornalistas que o comboio pretendia chegar a Rondônia e atravessar a fronteira. Faz algum sentido pelas conexões do CV com o tráfico internacional na Bolívia ou no Peru.

Renato Gomes de Lima, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, lembra que, no Norte do Brasil, o Comando Vermelho é hegemônico em todos os estados, sobretudo no Acre, origem da dupla de fugitivos. A facção, destaca, só não atua em Rondônia — onde, por sinal, há o presídio federal de Porto Velho — por causa da presença do Comando na Venezuela e na Guiana. Ali, o domínio é do PCC, a poderosa facção que saiu de São Paulo para o Brasil e o mundo. Um mapeamento do Fórum, de 2022, identificou 53 facções criminosas em atuação no Brasil. O PCC está em 24 estados e no DF; o CV, em 13 UF. A detenção dos fugitivos de São Paulo, portanto, é uma vitória para o MJ, ao governo. O Estado brasileiro tem de caminhar muito. Lembremos.

BERNARDO
MELLO FRANCO

Tomada de assalto

Um fantasma ronda o governador do Rio: o fantasma da cassação. Cláudio Castro era vice de Wilson Witzel, deposto pela Assembleia Legislativa. Agora arrisca perder o mandato na Justiça Eleitoral.

No início da semana, o Ministério Público pediu a anulação do diploma do governador. Ele é acusado de cometer abuso de poder político e

O processo trata do escândalo das folhas secretas do Ceperj e da Uerj. Em ano eleitoral, o estado usou a fundação e a universidade para fazer mais de 20 mil contratações sem concurso e sem transparência. Ao revelar o caso, o portal UOL identificou beneficiados que admitiram ser funcionários-fantasma. Recebiam dos cofres públicos sem trabalhar.

O MP rastreou mais de R\$ 220 milhões em pagamentos em espécie, sacados na boca da caixa. A suspeita é que o dinheiro tenha servido para recrutar cabos eleitorais e irrigar um esquema de caixa dois.

Ao pedir a cassação de Castro e do vice, Thiago Pampolha, a Procuradoria afirmou que a estrutura do governo foi "tomada de assalto" para facilitar a reeleição.

"Não se mais discute aqui o fato de que a máquina pública foi manejada em ano eleitoral, com evidente desvio de finalidade", escreveu o MP. "Nenhum outro candidato teria condições de se valer de nada minimamente parecido para fazer frente à investida ilícita do poder governamental da vez. Foi um jogo desleal e desigual", acrescentou.

As procuradoras Neide Cardoso de Oliveira e Silvana Batini lembraram que o estado passa por "grave crise financeira", já admitida por Castro. A penúria não impediu o derrame de verba pública às vésperas da eleição.

em outra frente, o bolsonarista é investigado por suspeita de receber propina quando exercia os cargos de vereador e vice-governador. No fim de 2023, o Superior Tribunal de Justiça autorizou a PF a fazer buscas na casa de seu irmão de criação, Vinícius Sarcia,

Ontem Castro disse que "confia demais" na Justiça e criticou o ex-ri-val Marcelo Freixo. "Isso é choro de perdedor", desdenhou. Investigações são abertas a pedido de adversários, não de aliados. Ao atacar o acusador, o governador evita discutir o mérito da acusação.

PEDRO
DORIA



**Agora a briga
é a três**

Tem um jogador novo na disputa pelo pôdio mais alto da inteligência artificial generativa — é a Anthropic. A Amazon anunciou um investimento de US\$ 2,75 bilhões na companhia, somando US\$ 4 bi se levarmos em conta o que já havia sido investido no ano passado. Para a Amazon, é o maior aporte jamais feito numa startup. De quebra, a empresa periga passar na frente do Google e se tornar a principal concorrente da OpenAI.

A IA generativa, essa que cria e interpreta textos, produz fotografias realistas, dissimula canções que artistas jamais gravaram de forma quase impecável e já se aproxima do vídeo, foi inventada no Google. Não faz nem muito tempo — foi em 2017. E a história de como, incrivelmente, o Google não lidara essa área explica muita coisa, incluindo como a Anthropic entrou repentinamente no radar.

Quem trabalha em IA de ponta, no Ocidente, é um mesmo pequeno conjunto de matemáticos muito sofisticados. São alguns professores na casa dos 60 ou 70 e seus alunos, em geral por volta dos 30. Passaram a última década compartilhando cadeiras nos mesmos laboratórios do Google, frequentaram as mesmas salas de aula entre Toronto e Stanford e são todos autores dos artigos científicos que definiram a tecnologia. Dario Amodei, CEO da Anthropic, era da OpenAI até dois anos atrás, quando saiu brigando com um time inteiro para entrar a concorrer.

Brigou por segurança — reclamava que a OpenAI não dava atenção suficiente para tornar os algoritmos seguros para uso humano. É a mesma briga que desencadeou uma rebeli-

do conselho de administração da OpenAI, quase demitiu o CEO Sam Altman, no final do ano passado. E é essa cautela, esse pavor com até que ponto a tecnologia da inteligência artificial pode nos levar, que fez o Google hesitar por anos. Até que engenheiros suficientes saíram de lá para criar outras empresas.

A disputa pelo pódio da inteligência artificial generativa ganhou um novo jogador:

—o do Google e a turma da Anthropic— vieram para brigar.

Segundo os executivos da nova empresa, Claude 3.0, sua IA, já é melhor que o GPT 4.0. É capaz de ler muito mais quantidade de texto para analisar. É capaz, também, de receber imagens e textos simultaneamente para processar. Um relatório com muitos gráficos poderia ser digerido para auxiliar sua compreensão. É, de fato, algo que o

Para a Amazon, a questão é estratégica. Seu investimento na Anthropic não é tão robusto quanto o que a Microsoft fez na OpenAI — são US\$4 bilhão e US\$13 bi. Mas, de novo, é o maior investimento já feito pela

Quando as caixas de som inteligentes apareceram em nossas casas, um quarteto tentou dominar o mercado. Samsung, Apple, Google e Amazon. A Alexa, da Amazon, ganhou a briga. Mas, quase dez anos passados,

seus limites | a sa o evidentes. E preciso pedir informação duas ou três vezes, as ordens têm de ser dadas com sintaxes rígidas, e isso leva todo mundo a decorar meia dúzia de comandos e não muito mais.

Com IA generativa, isso muda. A compreensão de fala chega perto da linguagem natural. Para a Alexa se manter útil, precisará ter um cérebro parecido com o do ChatGPT. Ou do Claude.

Que, não à toa, brinca com o termo *novo*. Cloud, em inglês.